

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Faculdade Ari de Sá  
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

D278a DE OLIVEIRA, Darliane Lima Viana .

A Terapia Cognitiva Comportamental em um Processo Psicoterapêutico de uma mulher em relacionamento abusivo: um estudo de caso / Darliane Lima Viana DE OLIVEIRA. – 2023.

25 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profa. Ma. Kayline Macêdo Melo.

1. Relacionamento Abusivo. 2. TCC. 3. Intervenções. I. Título.

CDD 150

---



**CURSO DE PSICOLOGIA**

**DARLIANE LIMA VIANA DE OLIVEIRA**

**A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL EM UM PROCESSO  
PSICOTERAPÊUTICO DE UMA MULHER EM RELACIONAMENTO ABUSIVO:  
UM ESTUDO DE CASO**

**FORTALEZA**

**2023**

**DARLIANE LIMA VIANA DE OLIVEIRA**

**A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL EM UM PROCESSO  
PSICOTERAPÊUTICO DE UMA MULHER EM RELACIONAMENTO ABUSIVO:  
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ari de Sá.

Orientadora: Profa. Ma. Kayline Macêdo Melo.

**FORTALEZA**

**2023**

**DARLIANE LIMA VIANA DE OLIVEIRA**

**A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL EM UM PROCESSO  
PSICOTERAPÊUTICO DE UMA MULHER EM RELACIONAMENTO ABUSIVO:  
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ari de Sá.

Orientadora: Profa. Ma. Kayline Macêdo Melo.

Aprovado(a) em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Kayline Macêdo Melo  
Faculdade Ari de Sá

---

Profa. Ma. Karine Limaverde Pessoa  
Faculdade Ari de Sá

---

Profa. Dra. Glysa de Oliveira Meneses  
Centro Universitário Christus

**A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL EM UM PROCESSO  
PSICOTERAPÊUTICO DE UMA MULHER EM RELACIONAMENTO ABUSIVO:  
UM ESTUDO DE CASO**

Darliane Lima Viana de Oliveira

Kayline Macêdo Melo

**RESUMO**

O relacionamento abusivo pode ser caracterizado pela tentativa ou efetivo controle excessivo de uma pessoa em detrimento da outra, podendo acontecer em diversos tipos de relações e de diferentes formas. No caso dos relacionamentos íntimos ou amorosos, os dados apontam que as mulheres são consideradas o maior número de vítimas, principalmente tendo em vista os papéis históricos e sociais de submissão nos quais a mulher continua até hoje sendo inserida. A vivência de relacionamentos abusivos é uma das formas de violência contra a mulher, seja ela física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral. Independente da forma de violência, muitos são os impactos emocionais na vida das mulheres que são vítimas, a saber, ansiedade, depressão, baixa autoestima e irritabilidade. Nesse sentido, buscar estratégias que as auxiliem nesse processo é fundamental, sendo a psicoterapia uma delas. Além disso, dentre vários tipos de abordagens, a Terapia Cognitiva Comportamental se apresenta como uma das possibilidades de pressupostos teóricos e metodológicos em processos interventivos com mulheres que vivenciam esses tipos de relacionamentos. Pensando nesses fatores, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a atuação da Terapia Cognitiva Comportamental frente a um processo psicoterapêutico de uma mulher que vivencia um relacionamento abusivo. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que teve como foco um estudo de caso intrínseco e a análise documental dos prontuários de uma mulher atendida em um serviço de clínica-escola há mais de dois anos. Foram analisados os relatos do prontuário da paciente de forma a obter mais informações sobre como se deu o manejo clínico da abordagem em estudo no caso específico. Além disso, para a realização desta pesquisa, foi necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pela participante, informando a sua concordância em fazer parte da pesquisa. Como resultados, foi possível observar que, por meio da utilização de técnicas, como psicoeducação, questionamento socrático, registro de pensamentos automáticos, resolução de problemas, tomada de decisões, planejamento, conceituação cognitiva e o uso de escalas, a cliente pôde ressignificar experiências associadas ao relacionamento abusivo, bem como melhorar a imagem de si e sua autoestima, além de desenvolver falas mais assertivas.

**Palavras-chave:** Relacionamento Abusivo. TCC. Intervenções.

**ABSTRACT**

An abusive relationship can be characterized by attempted or actual excessive control of one person to the detriment of another, which can happen in different types of relationships and in different ways. In the case of intimate or loving relationships, the data indicate that women are considered the largest number of victims, especially given the historical and social roles of submission in which women continue to be inserted to this day. Abusive relationships are one

of the forms of violence against women, whether physical, psychological, sexual, patrimonial or moral. Regardless of the form of violence, there are many emotional impacts on the lives of women who are victims, namely, anxiety, depression, low self-esteem and irritability. In this sense, seeking strategies that help in this process is fundamental, psychotherapy being one of them. Furthermore, among the various types of approach, *Cognitive Behavioral Therapy* presents itself as one of the possibilities of theoretical and methodological assumptions in intervention processes with women who experience these types of relationships. With these factors in mind, this research aimed to analyze the performance of *Cognitive Behavioral Therapy* in relation to a psychotherapeutic process for a woman experiencing an abusive relationship. Therefore, a qualitative research was carried out, focusing on a case study of a woman being assisted at a *teaching clinic* for more than two years. The reports from the patient's medical record were analyzed in order to obtain more information about how the clinical management of the approach under study was done, in that specific case. Furthermore, to carry out this research, it was necessary that the participant sign the *Free and Informed Consent Form*, stating her agreement to take part in the research. As results, it was possible to observe, through the use of techniques, such as psychoeducation, Socratic questioning, recording automatic thoughts, problem solving, decision making, planning, cognitive conceptualization and the use of scales, that the patient was able to give new meaning to experiences associated with abusive relationships, as well as improve her self-image and self-esteem, in addition to developing more assertions.

**Keywords:** Abusive Relationship. Cognitive Behavioral Therapy. Interventions

## 1 INTRODUÇÃO

O termo ‘relacionamento abusivo’ é imensamente disseminado nos dias de hoje. No entanto, muitas vezes a sua definição não é explícita, tendo em vista que podem ser observadas mais produções com o termo ‘violência doméstica contra a mulher’. O relacionamento abusivo pode ser definido pela predominância excessiva do controle e do poder de um indivíduo sobre um outro indivíduo, podendo ocorrer, por exemplo, nas relações íntimas e/ou na convivência com familiares. Desse modo, pode gerar um sentimento de posse pelo abusador passando a ter o outro como um objeto (Barreto, 2018). Em geral, o abuso nos relacionamentos inicia de forma sutil e, com o passar do tempo, torna-se constante (Barreto, 2018). Em outras palavras, o relacionamento abusivo constitui uma relação em que não há respeito sobre os limites e sobre as vontades do outro (Lins; Escarpai; Chakian, 2020).

Para além dos relacionamentos íntimos, o relacionamento abusivo pode ocorrer em outras relações, por exemplo, entre pais e filhos, entre amigos e no trabalho (Carvalho; Freitas, 2022). No entanto, também é utilizado para se referir a uma relação romântica e íntima que pode ocorrer tanto no namoro, como na relação conjugal (Padoin, 2022). Independente da fase da relação, o relacionamento abusivo pode ocorrer tanto com casais homossexuais quanto com heterossexuais (Falcão; Pessoa, 2022). Em geral, há uma maior ocorrência de casos notificados de violência em relacionamento íntimo para mulheres

heterossexuais (D'Agostini *et al.*, 2021). A mulher é colocada historicamente e socialmente no papel de submissão, destinada apenas para os cuidados da casa, dos filhos e do marido, ressaltando a cultura patriarcal que coloca o homem no papel de ter o poder de propriedade, sendo a mulher essa propriedade. Um dos fatores que fomenta a violência é esse papel imposto à mulher (Lelis; Cavalcante, 2016).

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (2002), a violência pode ser definida como sendo:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (p. 5).

A OMS também separa os tipos de violência em: violência dirigida a si mesmo, violência interpessoal e violência coletiva. A violência dirigida a si mesmo também pode ser conhecida como “autoinfligida” e está relacionada a comportamentos suicidas e de autolesão. Já a violência coletiva tem como subdivisão a violência social, a política e a econômica. Essas violências sugerem que possa existir uma justificativa para a sua ocorrência. Por fim, tem-se a violência interpessoal, que pode ocorrer dentro da família ou entre parceiros íntimos, bem como a violência com pessoas sem parentesco ou laços, que ocorre fora do ambiente familiar (OMS, 2002).

Especificamente no Ceará, a nomenclatura mais comumente utilizada para as violências do tipo dirigidas a si mesmo é a violência autoprovocada. No estado, 47.072 casos de violência que foram notificados no período de 2011 a 2019 foram de violência interpessoal e autoprovocada, sendo 36,6% de forma física, 19% psicomoral e 14,1% por meio de lesão autoprovocada. Outro dado importante, é que nos casos de violência ocorridos no estado, 65,2% foram contra o sexo feminino (Ceará, 2021).

Outra definição extremamente utilizada nos estudos sobre a temática da violência é a de violência contra as mulheres, apresentada pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2021). Para essa instituição, atos de violência desencadeiam sofrimento físico, sexual e mental para as mulheres, sendo contempladas também, ameaças, coação e privação de liberdade (ONU, 2021). De modo mais específico, a violência doméstica contra a mulher é realizada por quaisquer pessoas que tenham relação familiar e afetiva com a vítima, podendo ser filhos, pais, companheiros ou até mesmo outra mulher (Brasil, 2021).

De acordo com a Lei Maria da Penha (Brasil, 2006), a violência doméstica contra a mulher pode ser classificada em cinco tipos, que são: violência física, sexual, patrimonial,

moral e psicológica. A violência física consiste no dano físico ao corpo, como bater, espancar, chutar, queimar e arranhar. Já a violência sexual é uma conduta que coage a vítima a manter e/ou presenciar relação sexual não desejada com o uso de força. A violência patrimonial está relacionada às atitudes de reter, subtrair ou destruir objetos ou instrumentos, documentos pessoais do trabalho ou não. Quando se relata a respeito da violência moral, refere-se aos atos que caracterizam calúnia, difamação ou injúria. Por fim, a violência psicológica é caracterizada por uma ação que pode causar dano emocional no indivíduo, assim como, a redução da autoestima, perturbando o pleno desenvolvimento.

No contexto brasileiro, a quarta edição da pesquisa “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, divulgada pela Agência Brasil, apresenta que mais de 18 milhões de mulheres sofreram violência, sendo que 45% dessas mulheres vivenciaram violência psicológica (Fórum de Segurança Pública, 2023). Apesar das pesquisas não estimarem especificamente quantas mulheres estão em relacionamentos abusivos, esses dados já sinalizam para a dimensão do problema.

Há formas flagrantes e sutis dessas violências, que podem dificultar as suas identificações. Por exemplo, existe a violência que não deixa marcas visíveis para todos, como aquelas deixadas pela violência psicológica (Miller, 1999). Muitas vezes ela não é percebida nem mesmo pelas mulheres que as sofrem, pois quando se está inserida nesse contexto, torna-se muito difícil reconhecê-las e tomar uma atitude contra tudo que lhes foi imposto durante toda a vida pelo fato de ser mulher (Miller, 1999).

Apesar de não deixar marcas visíveis, a vivência de violência psicológica está relacionada com uma série de consequências para com o bem-estar e para a saúde mental da mulher. A exposição a esse tipo de violência psicológica pode desencadear transtornos, como ansiedade, depressão, baixa autoestima e irritabilidade (Arruda; Luz, 2016). Nesse sentido, algumas instituições e alguns profissionais podem ser relevantes na atenuação do sofrimento causado por esse e por outros tipos de violência contra a mulher. Pensando nisso, a psicoterapia ou o acompanhamento psicológico se apresenta como uma estratégia relevante para a atuação com o atendimento de mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos.

A psicoterapia promove um processo de autoconhecimento independente da abordagem (Nascimento, 2020). Deste modo, a psicoterapia apesar de não pôr um fim nos conflitos por si só, pode possibilitar, durante o processo psicoterapêutico, a identificação das responsabilidades dentro desse relacionamento (Pimentel, 2011). A psicoterapia também pode ajudar a lidar com as consequências, possibilitando o reconhecimento da situação de estar em um relacionamento abusivo e viabilizando pensar em estratégias para sair desse círculo



abusivo (Monteiro, 2012).

Uma das abordagens realizadas na psicoterapia é a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), a qual pode ser utilizada com pessoas de diferentes idades e classes sociais, bem como em diversos cenários. A TCC floresceu entre as décadas de 1960 e 1970. Inicialmente, era conhecida como Terapia Cognitiva e tinha como objetivo inicial uma terapia voltada para a depressão, com algumas características, como: sessões sistemáticas, com uma duração mais reduzida e voltada para o agora, ou seja, o presente. O foco da TCC nessas décadas era a cognição e o tratamento de pessoas com problemas de cognições negativas, buscando estratégias de enfrentamento. Em meados de 1980, a terapia cognitiva já era vista como um sistema de psicoterapia, uma vez que apresentava equivalência a uma teoria da personalidade e psicopatologia com comprovações empíricas, além do modelo de psicoterapia composto por princípios e estratégias com resultados clínicos embasando a eficácia da abordagem. Mesmo com o passar do tempo e as alterações tanto no foco quanto em algumas técnicas, os pressupostos da teoria permaneceram (Beck, 2022).

O pressuposto teórico da TCC é o modelo cognitivo, no qual os pensamentos influenciam as emoções, o humor e o comportamento dos clientes, sendo importante descrever que a cognição acontece em três níveis, pensamentos automáticos, crenças intermediárias e nucleares (Beck, 2022). Ao vivenciar uma situação, a pessoa tem um pensamento automático que surge rapidamente em sua mente, por meio de palavras ou imagem. Já as crenças intermediárias são as normas, atitudes e conjecturas que influenciam o seu entendimento da situação, enquanto as crenças nucleares são os conceitos sobre si mesma, os outros e o mundo (Beck, 2022).

A abordagem da TCC entende que, para o bom andamento do processo psicoterapêutico, faz-se necessário o vínculo terapêutico, o monitoramento do progresso e a participação do cliente ativa e orientada para os objetivos. No início do processo, deve-se enfatizar o tempo presente, ensinando os pacientes a verificarem e a responderem as suas cognições. Além disso, as sessões também possuem uma estrutura para conduzir de forma eficiente a melhora do cliente. Inicia-se com o planejamento da sessão, utilizando os registros das sessões anteriores, os objetivos e os planos de ações (tarefas para casa) do cliente. Vale ressaltar que o terapeuta deve estar atento às preferências do cliente durante o planejamento e a condução (Beck, 2022).

O terapeuta deve agir de forma minuciosa para identificar uma mudança dos pensamentos automáticos disfuncionais no indivíduo, por meio do processo e das técnicas aplicadas, destinadas a identificar os desafios e superá-los. Essas mudanças podem fazer com

que ocorra uma mudança duradoura nesse indivíduo (Beck, 2022). Para isso, torna-se relevante atentar para técnicas que podem contribuir para tornar mais fácil o alcance dos objetivos do cliente, como a formulação de caso. Nessa técnica, é necessário identificar alguns aspectos da vida da pessoa. Dados de identificação do cliente, como nome e idade, história de vida, que são informações ligadas ao desenvolvimento e às situações vividas, lista de problemas, identificada por meio da demanda e das falas, identificação dos fatores precipitantes e das situações ativadoras, bem como, crenças nucleares e intermediárias, origem e desenvolvimento das crenças, medidas padronizadas e complementares, hipóteses diagnósticas e o trabalho, metas e intervenções (Araujo; Shimohava, 2002).

Para ajudar os pacientes a superarem os seus desafios, pode-se utilizar da psicoeducação, que é uma elucidação sobre a situação vivenciada pela pessoa ou outro aspecto relevante para o momento psicoterapêutico, sempre baseado em conhecimento científico, bem como o exame das vantagens e desvantagens, que ajuda o cliente na tomada de decisão, tornando a situação mais concreta. Além disso, tem-se como outra possibilidade de técnica o questionamento socrático, que são perguntas que auxiliam na identificação do sentimento que é fundamental para o processo. Práticas de *mindfulness* também são possíveis em alguns casos e podem ser caracterizadas por auxiliar o cliente a manter o foco no que realmente importa (Beck, 2022).

Nesse sentido, é notório que o método cognitivo e as estratégias da TCC podem contribuir em diversas situações e tem um vasto material científico publicado. Dentre os casos que podem ter resultados positivos a partir das intervenções da TCC, há também as contribuições para as mulheres que vivenciam um relacionamento abusivo, auxiliando para a redução da ansiedade e para o rompimento do ciclo de violência, bem como para a melhora da autoestima (Petersen *et al.*, 2019).

Dentro desta perspectiva, o presente estudo partiu da seguinte questão de pesquisa: “De que forma a Terapia Cognitiva Comportamental atua frente a um processo psicoterapêutico de uma mulher que vivencia um relacionamento abusivo?”. Essa pergunta de partida surge do interesse e da curiosidade da estudante de Psicologia sobre a temática e foi enfatizada pela experiência clínica dessa estudante no atendimento de mulheres no cenário de relacionamento abusivo. Além disso, esta pesquisa é de interesse na área da Psicologia, pois apresenta o potencial de contribuição para a referida área. Tais contribuições podem estar atreladas à formação de novos psicólogos, bem como ao auxílio no plano de tratamento para mulheres que estão inseridas em um relacionamento abusivo. Pensando nisso, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar a atuação da Terapia Cognitiva Comportamental frente a um

processo psicoterapêutico de uma mulher que vivencia um relacionamento abusivo. De forma mais específica, foi descrito um caso clínico de uma mulher que vivencia um relacionamento abusivo, discutido o manejo clínico do caso a partir da Terapia Cognitiva Comportamental e avaliado a evolução do caso clínico, considerando o impacto clínico das estratégias da Terapia Cognitiva Comportamental.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 TIPO DE PESQUISA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, cujos métodos escolhidos foram o estudo de caso intrínseco e, como estratégia complementar, a análise documental. O estudo de caso tem como característica descrever e analisar um único indivíduo, oferecendo variadas informações sobre ele. Para realizar um estudo de caso, há possibilidade de obter dados de observação e registros de arquivos (Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012). A referida estratégia possui aplicabilidade variada e permite tanto a investigação, quanto a interpretação do caso, possibilitando a contribuição para a compreensão da problemática relacionada ao indivíduo (Silva; Oliveira; Silva, 2021). Trata-se de uma investigação baseada na experiência de um fenômeno dentro do seu contexto, no qual o pesquisador busca compreender a totalidade da situação, além do aprofundamento do objeto delimitado (Martins, 2008). Nesta pesquisa, o tipo de estudo de caso escolhido foi o intrínseco, pois ele busca a melhor observação de um único caso, pelo interesse particular de apresentar o que é importante e relevante no caso (Stake, 2000 apud Alves-Mazzotti, 2006). Já a análise documental refere-se à utilização de documentos que não sofreram tratamento ou análises anteriores, nas quais o pesquisador trata e interpreta as informações com a intenção de compreensão mais profunda e detalhada do caso (Kripka et al., 2015).

### **2.2 PARTICIPANTE**

Para a realização da presente pesquisa, foi escolhida uma cliente em acompanhamento psicoterapêutico conduzido pela estagiária e autora deste trabalho. A pessoa possui vínculo e é atendida pelo Serviço Integrado de Psicologia (SIP) da Faculdade Ari de Sá (FAS) desde 2020, mas está sendo acompanhada pela autora do trabalho há um ano, sob supervisão da orientadora desta pesquisa. A pessoa em atendimento, que foi identificada neste trabalho pelo nome fictício de Elisa, tem 45 anos e possui o Ensino Superior Completo. Ela é casada há 26 anos e mora atualmente com o esposo em imóvel próprio, não tem filhos e trabalha no setor

financeiro de uma empresa. A principal demanda que motivou a busca pelo acompanhamento psicoterapêutico foi o seu relacionamento amoroso com o atual marido, a qual tinha como intuito trabalhar questões pessoais com o objetivo de criar um o vínculo afetivo com o esposo.

### 2.3 PROCEDIMENTOS

Inicialmente, destaca-se que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Paulo Picanço, sob Parecer nº 6.298.896. Foram resguardados todos os cuidados éticos relacionados ao estudo, conforme descrito na Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016 do Ministério da Saúde, que dispõe sobre as orientações e precauções referentes às pesquisas com seres humanos, nas quais é exigido o pleno respeito e exercício dos direitos de todos os participantes, evitando-se os possíveis riscos e danos aos mesmos (Brasil, 2016). O procedimento que foi realizado na pesquisa apresentou risco moderado que foi reduzido pela garantia de manutenção do sigilo e da privacidade da participante durante e após a realização da pesquisa.

Após a aprovação do CEP, foi realizado contato com a participante da pesquisa, a fim de explicar para ela todos os cuidados éticos e os objetivos do estudo, bem como para obter a autorização para utilização dos seus dados na pesquisa, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ela também foi informada que, a qualquer momento, poderia solicitar a interrupção da pesquisa caso não se sentisse confortável com a condução desta. Além disso, foi obtida a anuência institucional do SIP, local onde a paciente, a estagiária e a supervisora estão vinculadas.

Para a realização da pesquisa, foram utilizados os registros de sessão contidos no prontuário da participante da pesquisa, datando de outubro de 2020 a setembro de 2023. Tais registros foram realizados pela autora deste trabalho e por outros estagiários de Psicologia que realizaram algum atendimento com a paciente. Considerou-se relevante o uso desses materiais por serem o principal meio de obtenção das informações sobre o acompanhamento psicoterapêutico da pessoa atendida e a evolução do seu caso de forma geral. Ressalta-se que foram levados em consideração todos os relatos do caso realizados pelos estagiários que conduziram os atendimentos desde o início do acompanhamento psicoterapêutico da paciente, com exceção apenas daqueles que não possuíam relação com os objetivos da pesquisa. Após a coleta de dados, foi realizada uma análise descritiva do manejo clínico da TCC frente a um caso de uma mulher que vivencia um relacionamento abusivo, com o intuito de compreender a evolução desta nas suas demandas no processo psicoterapêutico.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, é válido destacar que Elisa iniciou os seus atendimentos no SIP em outubro de 2020, totalizando, até o momento, 55 atendimentos. Desde esse período, as sessões com a paciente foram conduzidas por três estagiárias, todas elas sendo supervisionadas segundo a abordagem da TCC. Dentre os atendimentos, 28 deles foram realizados com a estagiária A, 5 com a estagiária B e 22 com a estagiária C, que é a autora desta pesquisa. Além disso, todos os atendimentos foram realizados no SIP, que possui toda a infraestrutura física, os equipamentos e os materiais necessários para atendimentos presenciais e remotos. Destaca-se que, durante certos períodos, as sessões com Elisa foram conduzidas na modalidade remota, em detrimento das medidas e diretrizes estabelecidas pelo estado relacionadas ao cuidado com a COVID-19. Vale ressaltar que todas as estagiárias estabeleceram o contrato de trabalho, bem como enfatizaram a importância do engajamento.

Conforme mencionado anteriormente, a demanda inicial de Elisa que a fez buscar por acompanhamento psicoterapêutico estava relacionada a tentar resgatar o vínculo afetivo com o esposo. Ela apresentava como principal queixa a insatisfação com o seu relacionamento e com a forma de comportamento do esposo, que demonstrava indiferença, falta de diálogo, falta de carinho, atitudes grosseiras e falas que diminuía a autoestima da esposa. Elisa ainda ressaltou que não queria se separar e que gostaria de mudar para ter um casamento mais feliz como sempre sonhou. É válido ressaltar que são comuns os relatos sobre a vivência de relacionamentos abusivos em que o agressor faz a vítima pensar que é culpada pelas suas atitudes e suas falas grosseiras e, com base nessa manipulação, a esposa e vítima tenta agradá-lo cada vez mais, tentando evitar fazer o que, segundo o seu marido, possivelmente causou a violência (Miller, 1999).

De forma geral, no início do processo psicoterapêutico, Elisa apresentava pensamentos automáticos de que sempre fica sozinha, atrelado a emoções de tristeza e solidão, bem como a comportamentos de sempre agradar o esposo, deixando-o à vontade, sem cobranças. A crença intermediária de Elisa estava relacionada a “se eu agradar ao meu esposo, aos meus amigos e à família, então eles estarão felizes e me farão feliz”. Já as crenças centrais compreendiam, principalmente, as de desvalor e desamor.

Com relação à história de vida de Elisa, esta vem de uma família de muitos irmãos, sendo a maioria mais velhos. A paciente relata que se sentia muito sozinha e carente de carinho e atenção por parte dos pais. Apesar de não passar necessidades, sempre foi muito preocupada com essas questões financeiras. No decorrer da adolescência, Elisa não tinha uma autoimagem positiva. Durante o namoro com seu atual esposo, era presenteada com cartas,

bombons e outros presentes, contudo, após o casamento, o romantismo apresentado no período do namoro não acontecera mais. Seu casamento passou a ser marcado por traições e desconfianças, indiferenças por parte do esposo, bem como ciclos de violências psicológicas, nos quais, quando Elisa descobria uma traição ou logo após uma atitude grosseira ou falas que diminuía sua autoestima, o seu esposo ficava mais atencioso e presente, contudo, rapidamente esse cenário mudava, voltando para um novo ciclo de violência.

Miller (1999) destacou que esse contexto é extremamente comum entre os casais em que a mulher vivencia um relacionamento abusivo. Durante certo período, a esposa por vezes tende a acreditar que as discussões e demais situações violentas irão cessar ou diminuir. Em grande parte das vezes, a própria mulher começa a ter atitudes mais carinhosas e de se desculpar perante o esposo e acreditar que pode ser o suficiente para retomar uma postura menos hostil por parte dele, contudo, algum tempo depois, todo o ciclo de violência se reinicia (Miller, 1999).

Além disso, tratando-se de Elisa, ela possuía uma autoimagem negativa, baixa autoestima, comportamentos ansiosos, sentimento de solidão, irritabilidade e tristeza diante deste cenário, e relata que gostaria que o marido mudasse. Inicialmente, informou que não gostaria de se separar por questões religiosas, acreditando que o casamento é uma missão, e também por ter medo da reação dele em caso de separação. Com relação a isso, é importante ressaltar que algumas falas de líderes religiosos, baseadas na sua interpretação da bíblia, reforçam a submissão da mulher, validando o calar diante das agressões, além de ratificar o poder da fé e da oração diante das dores e sofrimentos do matrimônio, reforçando a permanência nesses relacionamentos abusivos (Oshiro, 2017).

Vale ressaltar ainda que, assim como é possível perceber no caso de Elisa, a vivência de relacionamentos abusivos acarreta diversas consequências para a vida da mulher, tais como: baixa autoestima, visão prejudicada de si mesmo, medo de viver sozinha, sentimento de solidão, autoimagem negativa e falta de controle da situação. Além disso, algumas consequências psicológicas também podem se fazer presentes, como aumento da ansiedade, depressão, síndrome do pânico, bem como da possibilidade de comportamentos autodestrutivos, como uso excessivo de álcool, autolesões e suicídio (Pereira *et al.*, 2018).

Para melhor compreensão do caso e do acompanhamento psicoterapêutico, destacou-se a seguir uma sistematização das sessões com Elisa. O Quadro 1 destaca como estiveram organizados os atendimentos de Elisa, em função da data, principal temática abordada na sessão e qual estagiária foi responsável por tal.

**Quadro 1 – Organização dos atendimentos de Elisa**

<b>DATA</b>	<b>TEMÁTICA ABORDADA</b>	<b>ESTAGIÁRIA</b>
08/10/2020	Triagem	A
15/10/2020	Triagem	A
29/10/2020	Triagem	A
05/11/2020	Por meio da Psicoeducação, Elisa identifica que está em um relacionamento abusivo, trazendo para a sessão situações de violências vividas.	A
12/11/2020	Identifica e relata o ciclo de violência.	A
19/11/2020	Elisa demonstra medo de sair do relacionamento por receio de não conseguir viver sem ele financeiramente e por medo de morrer.	A
10/12/2020	Identifica como gostaria de viver uma relação e como gostaria de ser vista pelo esposo. Elisa demonstra o desejo de mudar.	A
17/12/2020	Adota algumas atitudes de autocuidado.	A
21/12/2020	Identifica avanços na terapia e continua adotando atitudes de autocuidado.	A
20/05/2021	Elisa relata ter vivenciado uma situação de violência, bem como crises de pânico, compulsão alimentar e destaca busca por ajuda psiquiátrica.	A
27/05/2021	Retomou medidas de autocuidado e relatou comunicação mais assertiva com o esposo.	A
24/06/2021	Continuou adotando o autocuidado e comunicação assertiva com esposo, além de identificar mais independência.	A

01/07/2021	Identificou privação emocional durante a infância e na sua atual vida conjugal.	A
22/07/2021	Continua adotando o autocuidado e identificou que o relacionamento lhe causa sofrimento e prejudica a sua saúde, bem como que perdoa o comportamento do esposo com a esperança que ele mude.	A
29/07/2021	Apresentou humor mais depressivo, indicou vontade de desistir e identificou violência psicológica por parte do esposo.	A
19/08/2021	Relata medo do futuro e de tentar e dar errado.	A
26/08/2021	Retornou comunicação mais assertiva com o esposo.	A
02/09/2021	Indica vontade de se separar e identifica os progressos da terapia.	A
23/09/2021	Identificação de necessidade de organização financeira.	A
14/10/2021	Relata vontade de separar-se sem problemas.	A
21/10/2021	Continua realizando o autocuidado.	A
28/10/2021	Continua realizando o autocuidado e identifica que precisa de mais recursos financeiros.	A
11/11/2021	Continua realizando o autocuidado.	A
18/11/2021	Identifica progresso na terapia, relatando pensamentos mais adaptativos.	A
19/11/2021	Continua realizando o autocuidado.	A
09/12/2021	Continua realizando o autocuidado.	A



16/12/2021	Permanece realizando autocuidado, verifica necessidade de procurar outro médico.	A
20/12/2021	Avaliou os avanços com a psicoterapia.	A
07/04/2022	Triagem; Identifica ações de autocuidado e de um olhar mais generoso para si mesma, relatando que não se culpa mais pela relação.	B
05/05/2022	Identifica necessidade de mudança no trabalho e destaca mudança de ideia quanto à separação, pois acredita que o casamento seja uma missão.	B
26/05/2022	Apresenta medo da separação por questões financeiras e por medo da violência.	B
02/06/2022	Identifica que voltou a ter uma postura mais reativa com relação ao esposo.	B
27/06/2022	Apresenta cuidado com a saúde e a aparência, identifica a psicoterapia como local de apoio e suporte para se manter bem, embora ainda permaneça o incômodo na relação pelo comportamento do esposo.	B
26/08/2022	Triagem; relata preocupação com a mudança de estagiária e identificação de avanço com a psicoterapia.	C
02/09/2022	Insatisfação com o comportamento do esposo e relato sobre a falta de coragem na separação.	C
09/09/2022	Identifica atitudes de controle do esposo e rede de apoio.	C
23/09/2022	Relatou uma atitude de agrado no esposo, estava se sentindo feliz.	C

07/10/2022	Identifica com nitidez suas atitudes e as atitudes do marido.	C
14/10/2022	Identifica elemento para justificar a permanência no casamento.	C
04/11/2022	Relata que o esposo não vai mudar e permanece a insatisfação com o casamento.	C
11/11/2022	Reforça a rede de apoio.	C
15/03/2023	Decisão por mudar de emprego e relato de decisão em se separar com planejamento, além de relato sobre autocuidado.	C
23/03/2023	Relatou desejo em se separar logo, mesmo com a sua religião.	C
29/03/2023	Mais assertiva no trabalho, sustenta a decisão em se separar, mas tem medo da violência.	C
12/04/2023	Apresenta atitudes mais assertivas no trabalho e na vida pessoal e relata se sentir menos culpada.	C
26/04/2023	Solidificando a rede de apoio e as coisas que gosta de fazer, mudou sua percepção (antes se achava velha, agora percebe que tem muito a viver).	C
03/05/2023	Relata cuidado com a saúde.	C
17/05/2023	Buscou desenvolvimento educacional e começou a fazer atividades prazerosas.	C
24/05/2023	Identificou que a fala dos outros não a afeta mais, relata fala mais assertiva e destaca que usará o relacionamento ao seu favor, não tolera mais violência.	C

31/05/2023	Realiza o planejamento de metas a curto prazo, rebate de forma assertiva qualquer tipo de atitude do esposo que a desagrade.	C
07/06/2023	Destaca que as falas do esposo não a afetam mais.	C
21/06/2023	Relata que olha mais para si e não tenta mudar o que ela não tem controle.	C
17/08/2023	Relata confiança, pensamentos funcionais e comportamentos assertivos.	C
31/08/2023	Identifica necessidade de tomadas de decisões mais rápidas.	C
12/09/2023	Continua realizando o autocuidado e a busca de satisfação pessoal.	C

**Fonte: Elaborado pela própria autora (2023).**

Segundo o Quadro 1, é possível perceber que Elisa vivenciou diferentes percepções sobre si mesma e sobre o seu relacionamento ao longo do processo psicoterapêutico, que vão desde a identificação da vivência em um relacionamento abusivo, perpassando pelo receio de romper com o ciclo de violência vivenciado com o esposo por medo de implicações financeiras e da reação deste com a possibilidade de separação, até mesmo à visão de que gostaria pôr um fim no relacionamento.

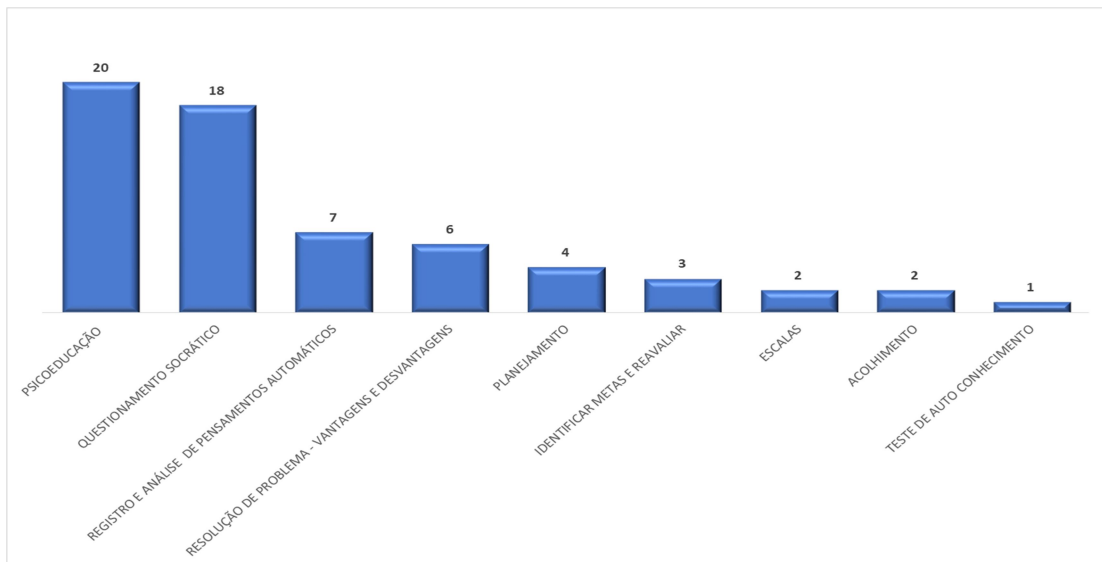
Durante o processo psicoterápico, Elisa também passou por uma avaliação psiquiátrica, na qual foi iniciado o uso de medicamentos para o tratamento da ansiedade. A intervenção psiquiátrica a ajudou a regular as emoções, possibilitando no setting terapêutico uma evolução no que diz respeito ao seu autoconhecimento. Foi possível verificar também uma identificação por parte de Elisa da necessidade de autocuidado, o que possibilitou uma melhor imagem de si mesma e uma melhora da autoestima, contribuindo ainda para comportamentos mais funcionais por parte dela.

De acordo com os relatos das estagiárias dispostos no prontuário de Elisa, também foi possível perceber que, durante todo o processo psicoterapêutico, foram usados recursos e técnicas da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) para melhor compreensão do caso e manejo das demandas trazidas pela paciente, tais como: conceituação cognitiva,

questionamento socrático, psicoeducação, clarificação, listas de metas, planejamento, análise dos pensamentos automáticos, entre outros, todas elas com o objetivo de reestruturação cognitiva. Para a TCC, o processo de reestruturação cognitiva pode ser definido como a avaliação dos pensamentos disfuncionais por parte do paciente, na qual se analisa primeiramente a situação vivenciada, identificando o pensamento automático gerado por essa situação e, a partir daí, questiona-se tal pensamento no sentido de compreendê-lo juntamente com as emoções que o perpassam, a fim de possibilitar a sua mudança (Beck, 2022).

Com o intuito de melhor sistematizar os recursos utilizados no acompanhamento psicoterapêutico de Elisa, na Figura 1 foram ressaltadas as principais técnicas e estratégias utilizadas durante o seu processo.

**Figura 1 – Principais técnicas utilizadas nos atendimentos de Elisa**



**Fonte: Elaborada pela própria autora (2023).**

A psicoeducação foi uma técnica utilizada várias vezes no processo psicoterapêutico com Elisa, principalmente quando foi necessário elucidar sobre temas importantes para o processo da paciente, como relacionamento abusivo, violência e atitudes compulsivas. É importante ressaltar que a psicoeducação geralmente está presente desde o início do processo terapêutico em TCC, pois é imprescindível apresentar e explicar sobre a abordagem que será utilizada. No curso do processo, a psicoeducação é uma aliada importante para explicar possíveis situações vivenciadas pelo cliente (Beck, 2022), como psicoeducar sobre a ansiedade ou sobre os tipos de violências e relacionamentos abusivos, aspectos que auxiliaram

Elisa no seu processo de autoconhecimento e a se perceber vivenciando um relacionamento abusivo.

O questionamento socrático esteve presente no processo de Elisa principalmente quando a cliente precisava identificar a sua percepção quanto aos fatos vivenciados e quando algumas situações a deixavam em sofrimento e por qual motivo isso acontecia. Essa técnica também foi usada durante o processo quando a paciente não conseguia ter uma opinião própria sobre a situação vivenciada. De forma geral, o questionamento socrático consiste em realizar perguntas com o objetivo de ajudar o cliente a identificar seus pensamentos de uma forma crítica, avaliando se são funcionais ou disfuncionais, bem como oportunizar uma avaliação da validade e da utilidade deste pensamento. Ao realizar o questionamento socrático, o terapeuta facilita a percepção por parte do cliente de que o profissional de Psicologia está empenhado em ajudá-lo a realizar uma revisão das evidências para a manutenção do pensamento (Beck, 2022).

Outra técnica utilizada com Elisa foi o registro de pensamentos automáticos. Ao escrever, o cliente é capaz de observar a situação vivenciada de uma forma mais nítida, favorecendo a identificação da situação, dos pensamentos automáticos, das emoções e do comportamento eliciado. Tal técnica possibilita um processo de avaliação da resposta ao pensamento, isto é, se é funcional ou não. É importante pontuar que todos os pensamentos são válidos e, ao identificá-los e avaliá-los, a paciente e o terapeuta estão juntos realizando o processo de reestruturação cognitiva (Beck, 2022). No caso de Elisa, o registro de pensamentos automáticos foi realizado quando a cliente trazia uma situação vivenciada, bem como “tarefa de casa”, sempre com o intuito de tornar essa técnica habitual na vida da mesma, favorecendo a reestruturação cognitiva por parte da paciente.

Além disso, Elisa também experienciou a técnica de resolução de problemas e tomada de decisões, nas quais há o auxílio à cliente a identificar as vantagens e as desvantagens de permanecer ou não em uma determinada situação ou de realizar determinada escolha. A referida técnica possibilita um olhar mais amplo de todas as evidências e situações encontradas pelo cliente e, ao escrever, ele pode ter um repertório maior para essa escolha (Beck, 2022). Com Elisa, essa técnica foi trabalhada sempre quando era necessário fazer alguma escolha, como permanecer ou não no seu antigo trabalho ou permanecer ou não na relação amorosa, também contribuindo para o processo de percepção e autoconhecimento da paciente.

Apesar da utilização em menor quantidade, outras técnicas foram usadas com Elisa com o intuito de favorecer o progresso no processo psicoterapêutico. O recurso de

planejamento ajudou Elisa a se organizar e traçar um plano para alcançar os seus objetivos dentro e fora do relacionamento. Tal técnica foi fundamental principalmente no período de recesso dos atendimentos para ajudá-la a manter o foco diante do que vinha se propondo a realizar diante do seu casamento. Além disso, foram utilizadas ferramentas para identificação das metas e reavaliação das mesmas, aspecto fundamental para conduzir o processo terapêutico na abordagem da TCC. Escalas e testes psicológicos também foram utilizados com o intuito de ajudar e formular melhor a conceituação cognitiva, que consiste em uma técnica para compreensão do caso da paciente por meio da descrição do caso de forma panorâmica para que, a partir desses dados, possam ser traçadas as estratégias e intervenções mais adequadas (Neufeld; Cavenage, 2010).

É válido ressaltar que as técnicas utilizadas contribuíram para a evolução do caso de Elisa, tendo em vista que esta apresentou, ao final dos atendimentos analisados, comportamentos mais funcionais, como responder ao esposo de forma assertiva e firme, não aceitando ser tratada mal, e passou a expor mais o que sentia em casa e em outras situações e lugares. Atrelado a esses comportamentos, tinham-se a satisfação e a alegria como emoções mais recorrentes no dia a dia de Elisa. Suas crenças centrais de desvalor e desamor foram enfraquecidas e modificadas, enquanto suas crenças intermediárias voltaram-se para “se eu não quero, então eu vou expor minha opinião de uma forma educada e assertiva”.

Apesar do foco da pesquisa ser a condução de um processo psicoterapêutico seguindo os pressupostos epistemológicos e metodológicos da TCC, é preciso enfatizar que de nada serviria as técnicas ou as estratégias utilizadas nessa ou em outra abordagem se o profissional não conseguir acolher e desenvolver a aliança terapêutica, pois acolher o sofrimento do indivíduo oportuniza a este ressignificar sua vida, suas ações e relações, favorecendo um olhar possivelmente mais saudável desta pessoa com relação a ela mesma, aos outros e ao mundo (Marques; Garbelotto, 2021).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a atuação da Terapia Cognitiva Comportamental frente a um processo psicoterapêutico de uma mulher que vivencia um relacionamento abusivo. Foi possível perceber que a vivência de um relacionamento abusivo pode trazer diversas consequências negativas para a vida da vítima que, muitas vezes, não consegue identificar sozinha os abusos ou as violências sofridas, principalmente tendo em vista o processo de naturalização desses contextos pela sociedade atual. De forma particular, no caso de Elisa, algumas técnicas da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) foram

utilizadas, tais como: psicoeducação, questionamento socrático, registro de pensamentos automáticos, resolução de problemas, tomada de decisões, planejamento, conceituação cognitiva e o uso de escalas.

Todas as intervenções realizadas com a paciente tinham o objetivo de atenuar possíveis impactos emocionais na vida de Elisa, bem como facilitar o processo de autoconhecimento e tomada de decisão por parte dela. Nesta pesquisa, foi possível identificar que a TCC pode contribuir significativamente na vida de mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos. Vale ressaltar que a TCC é uma das abordagens que pode ser utilizada, contudo, torna-se importante atentar para a importância do acolhimento e do não julgamento enquanto princípios básicos de todo processo psicoterapêutico independente da abordagem utilizada.

É possível inferir que o acompanhamento psicoterapêutico foi benéfico para Elisa, uma vez que ela pôde iniciar o processo de ressignificar experiências associadas ao relacionamento abusivo, bem como melhorar a imagem de si e sua autoestima, além de desenvolver falas mais assertivas. O processo psicoterapêutico também se caracterizou como um espaço de fala e acolhimento para a cliente, aspecto que foi facilitado pelo vínculo terapêutico que ela expressava possuir com as estagiárias que lhe atendeu. O acompanhamento de Elisa também permitiu destacar algumas variáveis que precisam ser levadas em consideração em qualquer processo psicoterapêutico, principalmente aqueles realizados em clínica-escola, como os recessos escolares que ocorrem ao final de cada semestre, que podem durar mais de dois meses, bem como a troca de estagiários de Psicologia, motivada pela conclusão do curso. No caso de Elisa, foi perceptível o impacto no vínculo terapêutico e no acompanhamento de forma geral que esses fatores tiveram.

Como limitações da pesquisa, destaca-se a dificuldade de compreensão de alguns relatos nos prontuários, bem como a divergência na forma de escrita sobre as sessões e, em algumas delas, a ausência de relatos sem a devida justificativa. Além disso, aponta-se que, como os prontuários com os relatos das sessões foram lidos apenas pela pesquisadora deste estudo, mesmo com todo o cuidado realizado no manuseio desse material, não se extingue por completo a possibilidade de um viés de pesquisa. Por fim, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas abordando essa temática com um maior quantitativo de participantes, com o objetivo de aprofundar e compreender de forma mais ampla as diversidades de vivências e impactos emocionais na vida de mulheres, bem como para que possa haver possíveis generalizações dos dados encontrados na pesquisa.

## 5 REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Uso e abuso dos estudos de casos**, Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Estácio de Sá, v. 36, p. 129, 2006.
- ARAUJO, C. F.; SHIMOHAVA, H. Avaliação e diagnóstico em terapia cognitiva comportamental. *Intervenção em Psicologia*, [s. l.], v. 6 n.1, p. 37-43, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3191>. Acesso em: 11 abr. 2023.
- ARRUDA, J. E.; LUZ, N. S. Lei Maria da Pena: história, objetivos e resultados. In: LUZ, N. S.; CASAGRANDE, L. S. **Entrelaçando gênero e diversidade: violências em debate**. Curitiba: Editora UTFPR, 2016.
- BARRETO, S. R. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Revista Gênero**, Niterói, v.18, n. 2, p. 142-154, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31312/18401>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental. Teoria e Prática**, 3ª Edição, Porto Alegre: Artemed, 2022.
- BRASIL. Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, Lei Maria da Pena.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília, DF, Brasil, 2016. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 16 abr. 2023.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Violência doméstica e familiar contra a mulher: Ligue 180 e tudo o que você precisa saber**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contra-a-mulher/violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- CARVALHO, V. S.; FREITAS, T. M. M. Relacionamento abusivo: o ciclo de aprisionamento e dependência emocional. **Facit Business and Technology Jornal**, Tocantins, v. 2, n. 36, 2022.
- CEARÁ. **Boletim Epidemiológico Violência Interpessoal e autoprovocada, do estado do Ceará 2021**. Disponível em: [https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2018/06/Boletim\\_Epidemiologico\\_Violencia\\_Interpessoal\\_Autoprovo cada\\_09042021-1.pdf](https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2018/06/Boletim_Epidemiologico_Violencia_Interpessoal_Autoprovo cada_09042021-1.pdf). Acesso em: 15 abr. 2023.
- D' AGOSTINE, M. *et al.* Representações sociais sobre relacionamento abusivo, **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 20701-20721, 2021.
- FALCÃO, D. M.; PESSOA, C. D. F. Violência Doméstica entre Lgbtqia+ e seus reflexos na (in) aplicabilidade da lei Maria da Pena Nos Casais Homoafetivos Masculinos. **Revista Juris**, Vitória, v. 15, n. 27, 2022.



FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil.** 2023. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao/). Acesso em: 15 abr. 2023.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental na pesquisa quantitativa: conceito e caracterização. **Revista UNAB**, v. 14, n. 2, 2015.

LELIS, A.G. S.; CAVALCANTE, V. A. P. **Pornografia de vingança: uma análise sobre a violência de gênero, através das mídias sociais.** 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/download/11561/7804/4494>. Acesso em: 10 abr. 2023.

LINS, B. A.; SCARPATI, A. S.; CHAKIAN S. **Perdido na tradução: relacionamento abusivo é violência, mas não necessariamente crime.** Agência Patrícia Galvão, 2020. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/perdido-na-traducao-relacionamento-abusivo-e-violencia-mas-nao-necessariamente-crime-por-beatriz-accioly-lins-arielle-sagrillo-scarpati-e-silvia-chakian/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MARQUES, E. S.; GARBELOTTO, B. A. M. A importância da aliança terapêutica na efetividade do processo psicoterápico. **Psicologia da Saúde e Processos Clínicos**, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <https://koan.emnuvens.com.br/psisaude/article/view/64>. Acesso em: 02 dez. 2023.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa.** São Paulo: Atlas. 2008.

MILLER, M. S. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres.** São Paulo: Summus, 1999.

MONTEIRO, F. S. O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica. **Brazilian Journal of Development**, [s. l.], 2012. Disponível em: 20820746.pdf (uniceub.br). Acesso em: 14 abr. 2023.

NASCIMENTO, M. G. Psicoterapia: contribuições no processo de autoconhecimento e influência na qualidade de vida. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - **Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ**, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.fass.edu.br/jspui/handle/123456789/1948>. Acesso em: 10 abr. 2023.

NEUFELD, C. B.; CAVENAGE, C. C. Conceitualização cognitiva de caso: uma proposta de sistematização a partir da prática clínica e da formação de terapeutas cognitivo-comportamentais. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 3-36, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180856872010000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180856872010000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência.** 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-viol%C3%Aancia>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2002. **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PADOIN, L. M. Prevenção da violência no namoro entre adolescentes: desafios para as políticas públicas no âmbito da educação. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2022.

PEREIRA, D. C. S. *et al.* Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018. doi: 10.31505/rbtcc.v20i2.1026.

PETERSEN, M. G. F. *et al.* Psicoterapia cognitivo-comportamental para mulheres em situação de violência doméstica: revisão sistemática. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 145- 165, 2019. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-56652019000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652019000100008).  
Acesso em: 10 abr. 2023.

PIMENTEL, A. **Violência Psicológica nas Relações Conjugais – Pesquisa e Intervenção Clínica**. São Paulo: Summus, 2011.

OSHIRO, C. M. P. **Violência de gênero e religião**: uma análise da influência do cristianismo em relações familiares violentas a partir de mulheres acolhidas nas casas abrigo regional Grande ABC e de homens autores de violência doméstica. 2017. 120f. Dissertação (Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p. 435-454.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de Pesquisa em psicologia**. São Paulo: AMGH, 2012.

SILVA, G. O.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, M. M. Estudo de caso único: uma estratégia de pesquisa. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 78-90, 2021.